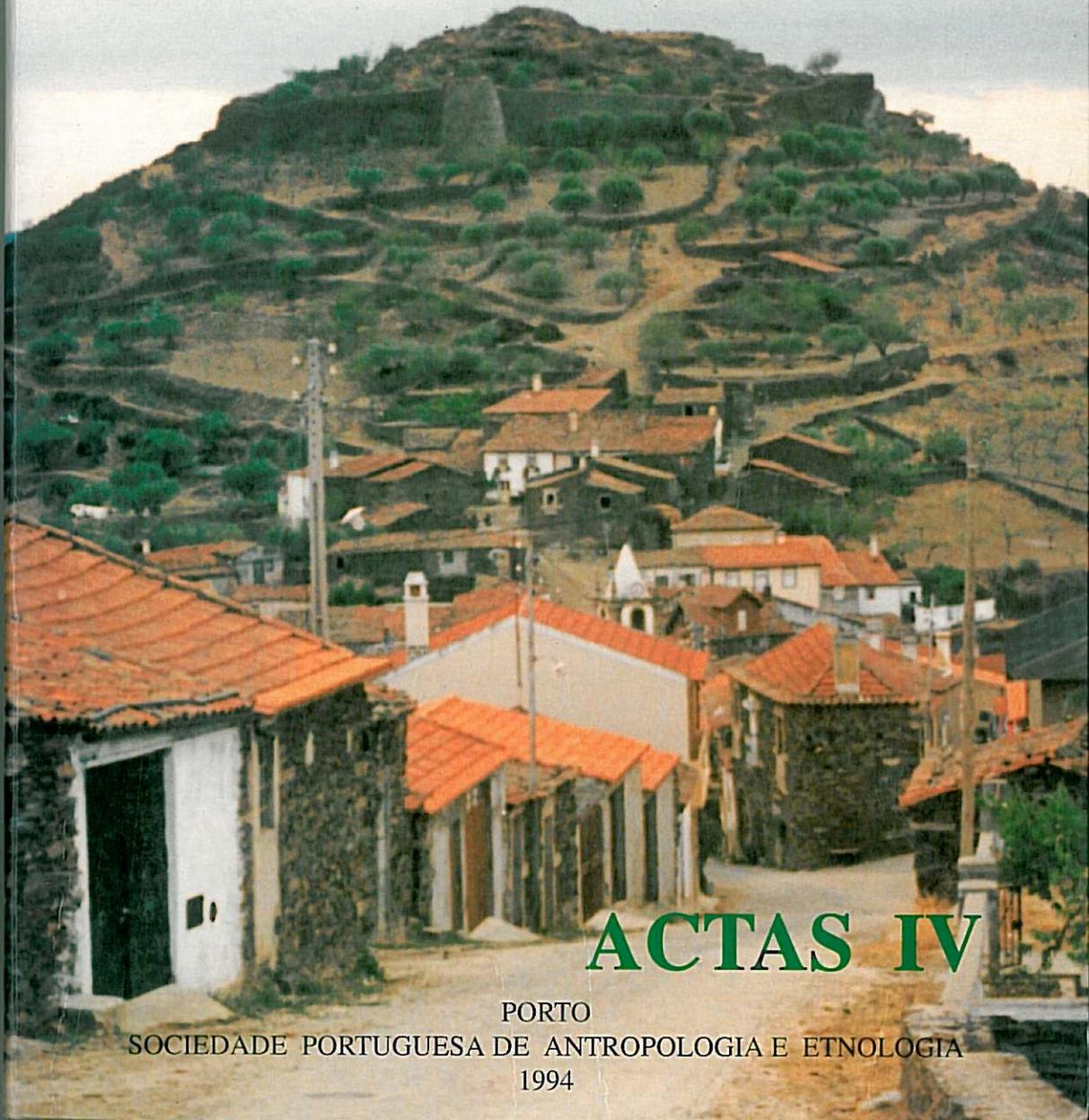


TRABALHOS DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA

Vol. 34 (3-4)

1º CONGRESSO de ARQUEOLOGIA PENINSULAR



ACTAS IV

PORTO

SOCIEDADE PORTUGUESA DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA

1994

A TRANSIÇÃO DO BRONZE FINAL/FERRO INICIAL NO POVOADO DE S. JULIÃO - VILA VERDE: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

por

Ana M. S. Bettencourt

Resumo: Baseada nas evidências arqueológicas, a autora elabora uma hipótese de evolução cultural para os períodos entre o séc. VIII e IV a.C. no povoado de S. Julião.

Os dados de que dispõe permitem-lhe tirar ilações acerca da evolução da cultura material móvel, das estruturas de habitat e, eventualmente, de ordem económica e social.

Palavras-chave: Bronze Final. Ferro Inicial. Transição.

INTRODUÇÃO

Este estudo insere-se na problemática de estudo do fenómeno de continuidade ou ruptura entre as comunidades do Bronze Final e do Ferro Inicial no Noroeste português.

Entendemos que este problema é, em primeira análise, um problema arqueológico (SORENSEN *et al.*1989:4). É pois através das evidências materiais, indicadoras de mutações cognitivas, sociais e económicas, que tentaremos contribuir com algumas observações sobre o tipo de mudanças verificadas entre os períodos considerados, tendo por base as escavações de S. Julião. Cientes de que os dados de que dispomos são escassos e parciais, não pretendemos fazer generalizações precoces, pelo que as observações efectuadas neste trabalho são apenas válidas para a citânia de S. Julião, onde as campanhas de escavações efectuadas desde 1981 até 1985, por Manuela Martins e as realizadas desde 1989 até 1992, pela signatária, permitiram uma base analítica em diferentes estádios de ocupação, passível de tratamento quantitativo. A generalização das hipóteses formuladas a nível micro-espacial, i. é, o seu enquadramento num quadro da evolução do povoamento a nível regional, passaria pela comparação de várias sequências de ocupação, baseadas em evidências estratigráficas fiáveis e em cronologias segu-

ras; designadamente de dados provenientes de vários povoados.

Para que se possam esboçar algumas hipóteses sobre a evolução estrutural das comunidades em análise há que tentar, a partir dos dados, o estudo das estruturas sócio-económicas e simbólicas de cada período, bem como a procura dos factores intervenientes na mudança e nos processos de transformação sócio-económica das comunidades.

As dificuldades de “resposta” inerentes ao último *item*, pressupondo a procura, não de um factor determinante que explique todo o processo de mutação, mas de um grupo de factores interactivos, prevê, por parte do investigador, o domínio de um vasto manancial de dados sobre a região que estuda, pelo qua as hipóteses a formular para este povoado, terão que ser revistas à luz de um quadro mais geral, trabalho a que nos dedicaremos posteriormente.

Ao optarmos por usar como título desta comunicação termos como “transição”, “Bronze Final/ Ferro Inicial” estamos conscientemente a aceitar a dicotomia expressa na periodização tradicional. O próprio conceito de transição implica que caracterizemos as estruturas do final da Idade do Bronze bem como os critérios que definem os inícios da Idade do Ferro (SORENSEN *et al.* 1989). É comum considerar-se que este período se inicia com o aparecimento dos primeiros objectos de ferro, embora o papel desempenhado pela presença deste metal não ofereça consenso entre os investigadores. Para Pons i Brun (1989:123) o ferro teve um papel secundário na transição Bronze/Ferro e a presença deste metal, por si só, não parece ser factor de mudança das estruturas económicas e sociais. Pelo contrário, Snodgrass (1989) defende que só uma economia fortemente baseada na metalurgia do ferro, trará consequências significativas ao nível sócio-económico. Numa posição mais moderada Sorensen (1989) defende uma “mudança de personalidade” no sistema cultural das duas idades. Provavelmente as diferentes interpretações poderão ser aceitáveis se considerarmos a diversidade cronológica e os diferentes contextos geográficos em que surge a I. do Ferro europeia. De qualquer modo o início deste período parece estar sempre associado a transformações internas, de vária ordem, quer seja significativo ou não o papel da metalurgia do ferro nessas transformações.

LOCALIZAÇÃO ADMINISTRATIVA E GEOMORFOLÓGICA

Pertencente ao lugar do Crasto, freguesia de Ponte, concelho de Vila Verde, S. Julião situa-se na crista de um esporão montanhoso, contraforte da Serra Amarela, orientado no sentido NW-SE, à cota máxima de 296m. A sua localização e morfologia, com encostas escarpadas a Norte, Oeste e Sul permitem-lhe boas condições naturais de defesa, bem como uma posição estratégica em relação

aos recursos dos vales do Homem e Cávado que correm nas proximidades (Est I, fig. 1)¹.

METODOLOGIA

A abordagem deste tema pressupõe uma análise criteriosa de vários elementos que passaremos a discriminar:

— Análise da cultura material móvel e monumental das fases mais recentes detectadas no Corte 3a) do Sector B, i. é., na plataforma superior do monte.

— Análise das estruturas e da cultura material móvel dos níveis mais antigos, detectados até 1992, no Corte 6, do Sector B, pequena plataforma a Norte do tabuleiro superior do monte e contígua a ele (Est. II, fig. 1).

* No *item* cultura material móvel privilegiámos a análise das cerâmicas, embora o estudo dos objectos líticos e metálicos se tenha efectuado.

* As cerâmicas foram analisadas segundo aspectos tecno-tipológicos.

* A tipologia utilizada é a proposta por Martins (1988).

* Considerámos cerâmicas arenosas todas as que apresentavam uma pasta, fina ou grosseira, com desengordurantes de quartzo, feldspato, ou outros, que não mica, adicionados intencionalmente.

* Considerámos cerâmicas arenosas/micáceas todas as que apresentavam uma pasta, fina ou grosseira, com desengordurantes de quartzo ou feldspato, em grande quantidade, embora contivessem uma percentagem de moscovite ou biotite adicionada intencionalmente.

* Considerámos cerâmicas micáceas aquelas que apresentavam como desengordurante maioritário os diferentes tipos de mica, quer sejam de pasta fina ou grosseira.

Deste trabalho resultarão tabelas passíveis de:

— comparações quantitativas das permanências e das especificidades dos diferentes tipos de materiais analisados, entre os dois períodos definidos.

CORTE 3A

Estratigrafia e Estruturas

O Corte 3a, ocupa uma área de 81,25m quadrados e localiza-se na plataforma superior do monte, no interior de um talude que delimita a zona nuclear da

¹ Todas as fotografias foram executadas pelo Sr. Manuel Santos, fotógrafo do Museu D. Diogo de Sousa. Os desenhos foram realizados pelos Sr.^{es} Alfredo Barbosa e Quenor Rocha, da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.

ocupação do Bronze Final.

Como o objectivo deste trabalho é o estudo da transição Bronze Final - Ferro Inicial estudámos apenas as zonas onde a potência estratigráfica apresentava maior densidade, na tentativa de detectarmos os níveis de ocupação mais recentes existentes na plataforma superior do povoado. Essa zona correspondia aos quadrados C1, C2, C3, D2 e D3.

Pelo mesmo motivo optámos por estudar apenas as duas camadas mais superficiais pelo que a nomenclatura usada na designação dessas camadas é provisória.

O nível de cota mais baixa foi designado por camada I e é constituído por terra castanha acinzentada. O nível superficial foi identificado como camada II, e caracteriza-se por terras castanhas, granulosas, não argilosas. Pelo facto de se encontrar à superfície esta camada estava parcialmente perturbada nos primeiros centímetros. Na camada I, detectámos resquícios dispersos de um pavimento em saibro e algumas pedras em associação, sem forma definida que poderão corresponder ao que resta de um fundo de cabana. O material estudado corresponde, grosso modo, aos níveis de derrube desta construção. A camada II não forneceu qualquer tipo de estrutura (Est. III, fig. 1).

Análise Descritiva dos Materiais

Cerâmicas

A camada I forneceu 1392 fragmentos cerâmicos que se distribuíam do seguinte modo:

Categorias	Fragmentos		Formas	
aren. - 1278 (92%)	panças -	1078	pote -	33 (22%)
	bordos -	153	pot/púc. -	31 (20%)
	fundos -	45	taça - 20	10b. (7%)
	asas -	2	malga -	1 (1%)
			bordos ind. -	78 (51%)
mic. - 63 (5%)	panças -	63		
aren./mic. - 51 (4%)	panças -	41	pote -	-
	bordos -	9	pot/púc. -	4 (44,4%)
	asas -	1	taça -	1 (11,1%)
			bordo sind. -	4 (44,4%)

Uma análise criteriosa do material da **camada II**, num total de 492 fragmentos, permitiu seleccionar as seguintes categorias, fragmentos e formas cerâmicas:

Categorias	Fragmentos	Formas
aren. - 370 (75,2%)	panças - 330 bordos - 40	pote - 13 (33%) pot/púc. - 12 (30%) taça - 2 (5%) bordos ind. - 13 (33%) cossoiro - 1
mic. - 61 (12,4%)	panças - 49 bordos - 7 fundos - 5	pote - 2 (29%) bordos ind. - 5 (71%)
aren./mic.- 61 (12,4%)	panças - 53 bordos - 7 fundos - 1	pote - 1 (14%) pot/púc. - 6 (86%)

Toda a cerâmica é manual, mesmo a micácea da camada II. Em ambas as camadas estão representados os mesmos tipos de formas.

Quer na camada I quer na camada II, os potes arenosos, apresentam, na sua maioria, bordos verticais embora se observem alguns ligeiramente esvasados e de aba soerguida.

A cerâmica micácea apresenta exclusivamente bordos de aba horizontal. Na camada I os fundos são maioritariamente planos, com excepção de dois umbilicais. Na camada II os fundos das cerâmicas micáceas são todos de tipo plano alargado.

As asas encontradas, em número de três, parecem de púcaro e apresentam secção sub-rectangular.

As decorações da camada I são predominantemente incisivas; três peças apresentam incisões sobre o bordo, quatro representam o que pensamos serem triângulos preenchidos e uma, caneluras horizontais. As restantes apresentam decoração plástica, quer em forma de mamilo alongado com duas perfurações verticais, quer em forma de cordões.

A camada II não forneceu cerâmica arenosa decorada. No grupo das cerâmicas micáceas destacamos duas peças com uma linha incisa horizontal.

Lílicos

A camada I, forneceu alguns fragmentos de seixos rolados, um fragmento

móvel de moinho manual, uma lasca de quartzo, um núcleo de lâminas em quartzito e uma lâmina residual desse mesmo núcleo, com vestígios de cortex.

CORTE 6

Estratigrafia e Estruturas

O Corte 6, com uma área de 116,25m quadrados, localiza-se na plataforma superior do monte, numa zona exterior ao núcleo do povoado do Bronze Final e fora do talude que delimita aquele núcleo (Est. IV, fig. 1).

Apesar de não se encontrar totalmente escavado, os dados obtidos permitem definir várias fases de ocupação que se sucedem estratigraficamente. Embora no perfil apresentado não se verifique a sobreposição das camadas em estudo, ela ocorre noutras zonas do corte ainda não desenhadas. A ocupação mais antiga corresponde à camada I, ainda em fase de escavação. Caracteriza-se por terras heterogêneas, variando desde o castanho amarelado ao castanho com mesclas cinzentas; é granulosa, algo argilosa, e associa-se a uma estrutura pétrea, (estrutura A) de significado ainda desconhecido.

A segunda ocupação corresponde às camadas IIa, com terras castanhas acinzentadas, com carvões, pouco granulosa e algo compacta e à IIb com terras castanhas acinzentadas, com carvões, heterogênea, e granulosa. Estas camadas poderão corresponder a momentos diferentes dentro da mesma ocupação. A camada IIa encontrava-se parcialmente selada por um fundo de cabana, circular, em saibro, com lareira, medindo cerca de 3,8m de diâmetro (estrutura B) e por restos de um outro pavimento, também em saibro, isolado do terreno subjacente por um lageado de pedras de pequena e média dimensão, sobretudo na zona que correspondia à estrutura de combustão (estrutura C). A camada IIb, associava-se aquelas estruturas e encontrava-se selada por um grande pavimento (?), de saibro, com várias lareiras (estrutura D). As restantes camadas associavam-se a derrubes diversos, alguns tardios, adentro da Idade do Ferro Recente e da Romanização, pelo que o seu estudo não cabe no âmbito deste trabalho.

Análise Descritiva dos Materiais

No Corte 6, foram analisados 719 fragmentos cerâmicos exumados na camada I e 2374 fragmentos nas camadas IIa e IIb, que analisaremos de forma sistemática.

1ª Ocupação

Caracteriza-se pela camada I.

Categorias		Fragmentos		Formas	
aren. -	649 (90%)	panças -	592	pote -	12 (30%)
		bordos -	40	pot/púc. -	4 (10%)
		fundos -	16	taça -	3 (8%)
		asas -	1	malga -	1 (3%)
				bordos ind. -	20 (50%)
mic. -	36 (5%)	panças -	31	pote -	1 (20%)
		bordos -	5	pot/púc. -	3 (60%)
aren./mic. -	34 (5%)	panças -	32	bordos ind. - 1 (100%)	
		bordos -	1		
		fundos -	1		

Cerâmicas

Os potes apresentam quase exclusivamente bordos verticais com excepção de dois, um arenoso e outro micáceo que registam abas soerguidas.

Os fundos são todos planos, com uma quantidade pouco significativa de planos alargados nas pastas arenosas.

As decorações são raras, embora variadas. Na cerâmica arenosa aparecem os mamilos, as incisões sobre o bordo, por vezes utilizando a técnica do picotado, as linhas incisivas pouco profundas e irregulares e as impressões de dedadas sobre a pança.

Nas pastas arenosas/micáceas também aparecem as incisões, quer distribuídas em linhas horizontais, quer por linhas oblíquas sobre cordões. Dois fragmentos apresentam decoração brunida, com linhas verticais.

Líticos

O granito é a matéria prima mais representada. Neste material exumámos um fragmento móvel de moíno manual e um polidor. O quartzo manifesta-se num núcleo de lâminas.

Metálicos

Não conhecemos qualquer objecto metálico desta camada. Foi, no entanto, encontrado um fragmento de cadinho cerâmico.

2ª Ocupação

Esta ocupação corresponde às camadas IIa e IIb.

A intenção de seriar o material dentro da mesma ocupação, tem como objectivo perspectivar semelhanças e diferenças entre elas e eventualmente tirar conclusões de ordem diacrónica quanto à evolução da cultura material e das estruturas, na tentativa de compreendermos melhor o período de transição entre o Bronze Final e o Ferro Inicial.

Cerâmicas

O quadro que se segue resume as características do material cerâmico estudado nas camadas IIa e IIb. Na camada IIa a totalidade do espólio corresponde a 1301 fragmentos, e na IIb a 1073.

Categorias		Fragmentos		Formas			
Cam. IIa	Cam. IIb	Cam. IIa	Cam. IIb	Cam. IIa	Cam. IIb		
aren. 684(53%)	530(50%)	panças	605	444	aren.	8(15%)	11(19%)
		bordos	52	57	pol/		
		fundos	21	23	púc.	13(25%)	18(32%)
		asas	6	5	taças	1(2%)	4(7%)
mic. 558(43%)	487(45%)	outros	—	1	malga	1(2%)	23(40%)
aren./mic. 42(3%)	40(4%)	panças	497	375	pote	6(16%)	31(37%)
		bordos	38	83	pol/		
		fundos	19	25	púc.	19(50%)	33(40%)
		asas	1	4	p.a.i.	—	2(2%)
mic. mal. cal. 17(1%)	16(1%)	cossoiros	3	4	malga	—	1(1%)
		ind.	—	2	tampa	1(3%)	—
					b.ind.	12(32%)	6(19%)
		panças	—	3	pote	3(11%)	3(17%)
		bordos	28	18	pot/		
		fundos	7	5	púc.	14(50%)	5(28%)
		asas	4	3	taças	—	3(7%)
		ind.	3	1	malga	1(4%)	1(4%)
					b.ind.	10(36%)	6(33%)
		panças	15	16			
		ind.	1				
		outros	1				

Na **camada IIa** os potes arenosos apresentam maioritariamente bordos verticais, embora os de aba soerguida, representem 12% da totalidade. Nos potes micáceos são predominantes as âbas soerguidas. Nos pot/púc. estão presentes os bordos de aba soerguida nos dois tipos de pastas mais representadas, sendo em número mais elevado nas micáceas. Nalguns pot/púc. de pasta arenosa/micácea aparecem os únicos bordos de aba horizontal pequena.

Os fundos são todos planos. Os mais representados são os planos simples.

As asas estão representadas em todas as pastas, constituindo as de secção sub-rectangular e rectangular as de maior expressão.

A decoração é rara nos objectos de pasta arenosa, embora tenhamos registado um fragmento com linhas verticais brunidas e outro com decoração mamilar. Nas pastas arenosas/micáceas, estão presentes os brunidos em associação com linhas incisais e a decoração em espinha.

Nas pastas micáceas predominam as linhas incisais simples ou duplas e os triângulos inscritos, em raros casos associados a impressões. Existem também decorações plásticas em forma de cordão com incisões em espinha, os brunidos em associação com incisões e impressões e alguns motivos impressos, embora estes últimos sejam mais característicos das cerâmicas arenosas/micáceas.

As impressões mais comuns são os círculos concêntricos, as séries de SSS e os triângulos, por ordem decrescente.

Líticos

A camada IIa forneceu alguns seixos rolados fragmentados; vários fragmentos de filoneanas e de aglomerados de biotite e moscovite; um cristal de quartzo, translúcido; um nódulo de quartzo; uma lasca, uma lâmina, um fragmento de outra e uma lamela de xisto argiloso; uma lasca de filoneana muito erodida; uma lasca de seixo granítico, de grão fino; uma lasca laminar de xisto parcialmente talhada com retoque abrupto, num dos lados; um seixo rolado, quartzítico, afeiçoado unifacialmente; um peso e um percutor em seixos graníticos; um elemento móvel de moínho manual em granito de grão fino e um pequeno disco de arenito, talvez um dado. No seio das rochas filoneanas, espalhadas pelos vários quadrados da camada, detectámos algumas com óxidos de ferro, limonitizadas².

² As filoneanas com óxidos de ferro são rochas com limonite um dos principais minerais de ferro. Agradecemos as informações de ordem geológica ao Prof. Doutor Carlos António Regêncio Macedo e ao Prof. José Manuel Matos Dias, do Departamento de Ciências da Terra da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

Metálicos

Existem vestígios de três objectos indefinidos, de bronze, em simultâneo com fragmentos de dois objectos indeterminados de ferro.

Camada IIb

Cerâmicas

Os bordos de potes arenosos continuam maioritariamente verticais, embora existam alguns esvasados e o único exemplar de bordo horizontal detectado na camada.

Dentro dos potes micáceos e arenosos/micáceos predominam os de aba soerguida, seguidos dos esvasados.

Os fundos são todos planos com ligeira predominância para os planos alargados.

As asas, na sua maioria de púcaros, são relativamente abundantes e variadas em todas as pastas, pelo que não é possível estabelecer tendências. Existem quatro exemplares de secção rectangular, quatro de secção pentagonal, três de secção circular e uma de fita.

O número de pastas arenosas decoradas aumentou, bem como a variedade da gramática decorativa. Existem agora panças com decoração mamilar, três casos; com cordões, um caso e com cordões incisos em forma de espinha, um caso. As incisões são relativamente comuns, existe um fragmento com linhas onduladas, pouco profundas; quatro cerâmicas com triângulos incisos preenchidos e duas com triângulos preenchidos e incisões ovais. As linhas picotadas aparecem em três fragmentos.

Nas pastas arenosas/micáceas existem igualmente motivos plásticos associados a incisões em dois casos e triângulos preenchidos num caso. Os triângulos em associação com impressões em SSS e círculos, aparecem duas vezes. Também as linhas verticais brunidas, a linha incisa simples e as caneluras estão presentes em três fragmentos.

A gramática decorativa da cerâmica micácea não difere muito da das pastas anteriores, existem elementos plásticos associados a incisões, linhas incisas horizontais em dezoito casos, caneluras em cinco casos, triângulos em sete e impressões de círculos concêntricos num caso.

Os cossoiros, em número de três, apresentam toda morfologia variada.

Lífticos

Esta camada forneceu um fragmento de uma rocha migmatítica com concen-

tração de óxidos de ferro e biotite; lascas de xisto; fragmentos de seixos, um deles com vestígios de gordura; elementos móveis de moínhos manuais; pesos sobre seixos graníticos rolados; alguns percutores duplos e um polidor feitos sobre seixos; um fragmento de quartzito com uma superfície coberta de incisões; um fragmento de um objecto polido, em três fase, de hematite e três cossoiros em arenito.

Metálicos

Os objectos metálicos desta camada são de bronze e de ferro. No primeiro grupo inserimos um fragmento de várias placas sobrepostas e rebitadas, que interpretámos como pertencentes a um caldeiro e no segundo um machado de alvado, provavelmente votivo e uma pequena escória.

SÍNTESE

A análise comparativa das áreas de distribuição espacial da cultura material móvel e monumental entre os cortes 3a e 6 e entre os efectuados por M. Martins, publicadas em 1988, poderá contribuir para uma melhor apreciação das **permanências e especificidades** entre os dois períodos em estudo.

Ao analisarmos as **áreas de distribuição espacial** das comunidades do Bronze Final e do Ferro Inicial, detectadas por M. Martins, entre 1981 e 1985, verificamos que a distribuição dos vestígios parecia já evidenciar uma certa continuidade espacial de ocupação, quer na área contígua à plataforma superior, Corte 1, quer na encosta Nordeste, Sector F, com excepção da encosta Este, embora aquela autora considerasse a ocupação do Bronze como esporádica naquelas zonas, e não quizesse valorizar as camadas que lhe sobrepunham, onde foram detectadas cerâmicas arenosas e micáceas em simultâneo, por poderem corresponder a níveis misturados ou de escorregamento (MARTINS 1988: 25, 39, 105-106, 132, 158-159; 1990:21, 135-136).

As escavações em área efectuadas recentemente no Corte 6, quer pela potência estratigráfica, quer pela área de distribuição dos vestígios, cerca de 19 m quadrados, permitiram verificar uma ocupação intensiva do Bronze Final, em volta da área fortificada (camada I). A esta 1ª fase de ocupação, sucede-se estratigraficamente a camada II que corresponde ao Ferro Inicial ou a um período de transição.

A escavação do Corte 3a, no tabuleiro superior, forneceu, embora numa camada superficial, um nível, que a julgarmos não perturbado, se poderia consi-

derar também de transição. De qualquer modo, a não valorização desta camada como homogénea, no caso dos elementos micáceos serem intrusivos, devido à grande alteração que sofreu esta plataforma, não nos impede de verificarmos que eles apresentam uma grande homogeneidade de fabrico e de formas, pelo que poderiam corresponder ao que resta de uma camada atribuível ao Ferro Inicial no local. Em qualquer dos casos, estaríamos em presença de uma certa continuidade estratigráfica entre o Bronze Final e o Ferro Inicial na plataforma superior do monte o que parece corroborar a hipótese já sugerida por Martins (1988: 159), baseada na existência de uma muralha do Ferro Inicial, que reaproveitou como miolo, parte da muralha antiga do Bronze.

A existência de camadas estratigráficas com cerâmicas micáceas e arenosas semelhantes às estudadas por M. Martins³, no Corte 6 e eventualmente no corte 3a, parecem-nos um dado mais para valorizar essa ocorrência e considerar que não se tratam de níveis eventualmente perturbados ou de escorregamento, (MARTINS 1988:121) mas sim de camadas arqueológicas correspondentes a uma verdadeira fase de transição Bronze Final/Ferro Inicial, como aliás aquela autora já tinha insinuado⁴.

Vejamos o que ocorre ao nível dos materiais e das técnicas construtivas entre os níveis do Bronze Final e os primórdios da Idade do Ferro.

Nos últimos níveis do Bronze Final do Corte 3a, em que se conhecem cabanas, estas apresentam pavimentos de saibro, por vezes parcialmente lageados nas zonas de laeiras e rodeados por pedras pousadas no solo, formando construções circulares com cerca de 3,8 a 4m de diâmetro.

Na camada IIb, do Corte 6, em contextos do Ferro Inicial detectámos restos de fundos de cabana igualmente em saibro. Numa delas (estrutura B) foi possível verificar a forma circular com cerca de 3,8m de diâmetro e noutra (estrutura C) o mesmo lageado de pedra isolando a zona de combustão, encontrado nos níveis do Bronze Final, pelo que também nos parece existir uma continuidade ao nível das estruturas de construção.

A análise comparativa da cultura material móvel permitiu verificar que a louça de fabrico arenoso/micáce sofre um aumento na ordem dos 8%, na camada II do Corte 3a, em detrimento da arenosa que reduz 17%, nesta camada mais recente (Est.V, fig. 1). Quanto às formas, continuam maioritários os potes e os pot./púc. mas há uma redução considerável das taças carenadas que passam de 1,4% da totalidade dos fragmentos, na camada I, para 0,4%, na camada II.

As camadas I dos Cortes 3a e 6 parecem ser correlacionáveis mas a ausência do teste de X2, aconselha-nos prudência. Pelo contrário as camadas II dos dois

³ Nos cortes 1 do Sector A, 1 do Sector B e 1 do Sector F.

⁴ MARTINS 1988: 25-39 -121.

cortes parecem-nos algo distintas, quer ao nível das percentagens de fabricos, quer das formas.

A análise detalhada do Corte 6 revela, entre as camadas I e II e uma diminuição das pastas arenosas e arenosas/micáceas e um aumento das micáceas, reveladora, talvez, de um maior domínio deste novo tipo de fabrico (Est. V, fig. 2).

Em termos formais perpetuam-se, como peças mais frequentes, os potes e os pot./púc., embora se note uma maior representatividade da segunda forma na camada II, o que poderá relacionar-se com modificações económicas ou áreas de funcionalidade distinta (Est. V, fig. 3).

As taças carenadas diminuem de 1,1% do total dos fragmentos estudados na camada I, para 0,3% na camada II.

As malgas sofrem um ligeiro aumento na camada II. As panelas de asa interior aparecem, pela primeira vez, na camada IIb, numa percentagem de 0,18% do total de peças (Est. V, fig. 4).

O estudo dos bordos, entre as camadas I e II, revela uma diminuição dos bordos verticais, normalmente associáveis a fabricos arenosos, em detrimento dos esvasados e de aba soerguida, maioritários nas pastas micáceas. É de salientar que os bordos esvasados ou mesmo os de aba soerguida não são desconhecidos das camadas do Bronze Final, quer num ou noutro Corte, embora pouco representados (Est. VI, fig. 1). Na camada IIa do Corte 6 o aumento dos bordos de aba soerguida também se faz sentir nas pastas arenosas. Os bordos horizontais estão ausentes, com excepção de dois, em potes micáceos, da camada II do Corte 3a e de um, na forma pote, proveniente da camada IIa, do Corte 6, em pasta arenosa.

Os fundos são essencialmente planos na camada I e IIa do Corte 6. Aumentam progressivamente para fundos planos alargados na camada IIb.

As asas são tendencialmente rectangulares ou sub-rectangulares nas camadas I e IIa, apresentando maior variedade na IIb, com o aparecimento das asas de fita e o aumento das pentagonais e circulares.

Analisemos agora as técnicas e os motivos decorativos das camadas I de ambos os cortes. Apesar dos raros fragmentos decorados, a técnica e a gramática decorativa são variadas. Encontrámos linhas brunidas, linhas incisas, triângulos inscritos, impressões de dedadas e elementos plásticos, por vezes em associação com incisões oblíquas.

Na camada IIa do Corte 6, aumenta a percentagem das cerâmicas decoradas e surgem novos motivos impressos: os círculos concêntricos, os pequenos triângulos e as sucessões de SSS, em pastas muito finas. Curiosamente na camada IIb parecem diminuir o número de impressões e de temas impressos enquanto perderam as decorações "tradicionais". Se tivermos em linha de conta que essas novidades foram introduzidas na fase IIa, é possível que algumas peças sejam

exógenas ou de influência externa, trazidas como produtos de luxo ao serviço de uma elite, o que poderia explicar a sua lenta assimilação ou transformação nos níveis superiores, por parte dos oleiros⁵. Esta hipótese terá de ser confirmada pela análise fina das pastas de algumas peças, bem como confrontada com datas de radiocarbono⁶.

Em resumo, as formas cerâmicas do Bronze Final e do Ferro Inicial continuam a ser maioritariamente os potes e os potinhos /púcaros; as taças carenadas não desaparecem de forma abrupta de um nível para o outro e as malgas vão aumentando lentamente. A única forma nova parece ser a panela de asa interior que se faz representar apenas por um elemento. Também o aparecimento dos fabricos micáceos não parece ter sido abrupto, mesmo que a ideia ou estímulo fosse exterior, mas antes o resultado de várias décadas de experimentações e ou assimilação/transformação. A adopção maioritária de bordos de aba soerguida no Ferro Inicial parece ter sido lenta, quer assente em protótipos locais quer em influências externas e não excluiu de imediato formas mais arcaizantes.

As asas e os fundos apresentam progressos lentos e, apesar das novas temáticas decorativas detectadas nos níveis do Ferro, a maioria das técnicas é conhecida desde o Bronze Final, pelo que mais uma vez se atesta uma grande continuidade de ocupação que permite uma lenta transformação técnica e morfológica da cerâmica.

O estudo do **material lítico** revelou uma grande permanência de matérias primas, das técnicas e das tipologias dos objectos. O granito, o quartzo, o quartzito e o xisto, são as matérias mais usadas.

Perpetuam-se os utensílios de pedra lascada e os de pedra polida, aproveitando-se muitas vezes o polimento natural dos seixos rolados.

Os utensílios mais comuns no Bronze Final e no Ferro Inicial são os moínhos móveis, os pesos⁷ e os polidores. A novidade detectada verificou-se ao nível dos cossoiros de pedra.

A utilização dos mesmos tipos de moínhos com as mesmas dimensões médias, poderá revelar poucas alterações ao nível agrícola, entre os dois períodos em estudo, hipótese que necessita dos resultados das análises dos ecofactos para ser testada.

A permanência **metalúrgica** de formas tipológicas do Bronze Final (caldeiro

⁵ Little (1990:38) no trabalho efectuado sobre as cerâmicas da Idade do Ferro no Noroeste de Portugal defende que enquanto os oleiros usam facilmente técnicas decorativas culturalmente definidas pela comunidade, só raramente experimentam novas técnicas.

⁶ Aguardamos as datações de radiocarbono, que por motivos alheios à nossa vontade, não se encontravam disponíveis à data deste congresso.

⁷ Embora estes objectos não se encontrem nas camadas do Bronze Final aqui estudadas, são comuns em S. Julião neste fase. (MARTINS 1988: 157; 1990:133)

de rebites) (Est. VI, fig. 2), a intrusão ou fabrico de formas, em ferro, que imitam as tipologias da metalurgia do bronze⁸ (Est. VI, fig.3), como é o caso do machado de alvado e os poucos indícios de uma verdadeira siderurgia, são um elemento mais em abono da continuidade e não da ruptura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em relação aos estudos efectuados, parece-nos oportuno salientar que entre as duas fases, S. Julião I (Bronze Final) e os inícios de S. Julião IIA (Ferro Inicial)⁹, as permanências são em maior número que as diferenças, pelo que os níveis estratigráficos em estudo não representarão um *hiatus* ocupacional, mas antes uma grande continuidade. De qualquer modo, há especificidades registadas que é preciso analisar, compreender e tentar explicar em termos dos mecanismos que lhe estão subjacentes.

No povoado de S. Julião, o aparecimento dos primeiros objectos de ferro em contextos do Bronze Final, cronologicamente enquadrados entre o séc. IX e o VIII a.C.¹⁰, não parecem trazer de imediato modificações estruturais, pelo menos assinaláveis ao nível do registo arqueológico. A morfologia do objecto encontrado, um fragmento de lâmina de uma pequena falcata ou foicinha¹¹, o carácter isolado do seu achado e a ausência de indícios da metalurgia do ferro na camada onde foi exumado, indiciam tratar-se de um objecto de importação, provavelmente de carácter ritual, funcionando como indicador de prestígio e não como um objecto de utilização quotidiana (Est VI, fig. 4).

A manifestação da rede de intercâmbios supra-regionais, com populações detentoras da metalurgia do ferro, subjacente neste achado, não parece ter provocado, de imediato, alterações estruturais, pelo que os factores de mutação terão de ser procurados não só nos estímulos externos, mas nas condições internas da comunidade que em determinado momento da sua evolução permitiram que esses estímulos actuassem como agentes/factores de mudança.

⁸ Pleiner (1988) citado em Mohen (1992:176) defende que a primeira fase da metalurgia do ferro na Europa, caracterizar-se-ia, não por uma verdadeira siderurgia, implicando a transformação dos minerais, mas sim pela circulação de lingotes, a partir dos quais se teriam fabricado objectos de ferro obedecendo a padrões tipológicos locais muitas vezes ainda associados à metalurgia do bronze. Mohen (1992:182) refere que esta prática não está ausente de outros locais, nomeadamente do Sul da Alemanha em que se nota uma certa tradição da metalurgia do Bronze, no séc. VI a. C.

⁹ Periodização de M. Martins (1988: 106-121; 1990:112).

¹⁰ Datas de radiocarbono, obtidas em camadas estratigraficamente subjacentes às estudadas, no Corte 3a. Ainda não foram publicadas.

¹¹ Agradecemos ao Sr^o Vítor Hugo Torres, Técnico de Conservação e Restauro do Museu D. Diogo de Sousa, a limpeza e o tratamento dos objectos metálicos, o que possibilitou a sua identificação.

Só posteriormente ao séc. VIII ou VII a.C., parece iniciar-se uma fase de modificações no registo arqueológico, em relação ao Bronze Final. Essas modificações, ainda que reduzidas, poderão corresponder a um momento inicial, de uma dinâmica em que as comunidades indígenas começaram a "adoptar" uma nova ordem socio-económica. É, no entanto tardiamente, já em contextos que denominamos do Ferro Recente, que as modificações arqueológicas, se tornam mais evidentes no povoado de S. Julião, (introdução da roda de oleiro, do moíno giratório, da verdadeira siderurgia do ferro, do aumento significativo do número de objectos deste metal, da introdução provável de novas técnicas de cozedura dos recipientes cerâmicos, de novas formas de louça, de inovações ao nível das técnicas construtivas, casas agora sistematicamente de pedra, muitas vezes com vestíbulo, muralhas com aparelho e técnicas de contrafortagem diferentes, aumento substancial da área do povoado e talvez uma certa proto-urbanização) parecendo corresponder ao culminar da nova ordem política e socio-económica iniciada no período anterior.

A problemática dos mecanismos de adopção de novos objectos e ideias, por parte de uma comunidade local e o estudo da(s) área(s) de proveniência dessas novas ideias/objectos é um assunto que tentaremos abordar, embora cientes da sua dificuldade. Em S. Julião não estão ausentes as importações de origem mediterrânica, embora de forma esporádica e provavelmente trazidas por povos do Sul peninsular, mais desenvolvidos em termos sócio-económicos e políticos, funcionando como "mediadores" entre grupos de povos culturalmente distintos. As primeiras evidências desse facto parecem ocorrer entre o séc. IX e VIII a.C., através da presença de contas de vidro policromáticas e provavelmente da foice ou falcata de ferro encontrada no mesmo contexto. Mais tarde, num período que situamos provisoriamente entre os séc. VII e IV a.C.¹² os contactos externos parecem incentivar-se e diversificar-se: são visíveis no aumento das decorações com linhas verticais brunidas a negro ou vermelho, talvez de influência meridional; nalguns motivos impressos de cerâmicas de provável influência continental; nos primeiros, ainda que tenues, registos do trabalho do ferro, através de um cadinho de fundição, em cerâmica totalmente distinta dos fabricos conhecidos no povoado, pelo que se trata provavelmente de uma peça de importação.

A importância desses contactos manifesta-se na troca de informação entre diferentes áreas e poderá influenciar ou provocar mutações nalgumas comunidades desde que elas tenham atingido uma fase de maturidade capaz de as assimilar, sem que tal entre em choque com as suas tradições histórico-culturais.

As evidências arqueológicas em S. Julião, parecem demonstrar que os primeiros contactos com a zona meridional e continental se deram de forma

¹² Ver nota 4.

esporádica, provavelmente devido a vários factores em interacção; conservadorismo cultural das populações em áreas geográficas de difícil acesso, pelo facto dos *items* procurados de início, serem normalmente produtos de luxo, adoptados por uma pequena elite, como indicadores de prestígio, e não como objectos utilitários de uso quotidiano¹³, e porque, provavelmente, as comunidades dispunham de uma economia relativamente estável, baseada em recursos variados, cujo acesso facilitado às jazidas de estanho poderá ter contribuído para a perpetuação da metalurgia do bronze e para a lenta introdução da siderurgia do ferro e de outras novidades a ela associadas. Esta mera hipótese de trabalho, a confirmar por trabalhos futuros, não exclui a importância que a continuidade e intensidade dos estímulos, com povos mais desenvolvidos, possa ter provocado nas modificações posteriores das comunidades em estudo. Serve antes para explicar a **lenta adopção, assimilação e generalização das novidades.**

Parece plausível colocar a hipótese de que no longo processo de transição Bronze/Ferro, em S. Julião, ocorrido provavelmente entre os séc. VII e IV a.C., datas que necessitam evidentemente de confirmação através de análises de radiocarbono, foram intervenientes factores internos e externos, de origem mediterrânica ou continental, geradores de estímulos, no seio de uma sociedade culturalmente preparada para os receber, adoptar e transformar consoante as suas necessidades e as suas tradições históricas.

Perante o que ficou exposto pensamos não existirem razões para considerarmos os primórdios do Ferro Inicial como um período de ruptura ou de mutação populacional em relação ao Bronze Final. Encara-mo-lo antes como uma **longa fase de transição** em que gradualmente se vão intensificando os mecanismos de mudança que culminarão numa "nova" estrutura socio-económica durante o que se convencionou designar Ferro Recente e que consideramos antes como um período de maturidade de uma sociedade ou de uma população que se desenvolve, se não antes, pelo menos por volta do séc. X a.C., com a emergência dos povoados fortificados no Bronze Final III.

¹³ LITTLE 1990:31 refere que a emergência de uma elite poderá estar associada a cerâmicas exóticas e de decoração complexa. Como mera hipótese de trabalho sugerimos que esse motivo poderá explicar a raridade das decorações impressas, numa primeira fase, e que o seu aumento traduzirá uma maior complexificação social ou a simples vulgarização de um *item* que perde o seu valor inicial e passa a fazer parte do reportório doméstico.

BIBLIOGRAFIA

- BUCK, D-W. R. (1989) "The Transition from Bronze Age to Iron Age among the Tribes of the Western Lusatian Culture", *The Bronze Age-Iron Age Transition in Europe. Aspects of Continuity and Change in European Societies c. 1200 to 500 B. C.*, (ed. de Sorensen, M. e Thomas, R.), BAR nº 483, vol. 2, Oxford, p. 356-338.
- DABROWSKI, J. (1989) "The Social Structures of the Lusatian Culture Population at the Transition of the Bronze and Iron Age", *The Bronze Age-Iron Age Transition in Europe. Aspects of Continuity and Change in European Societies c. 1200 to 500 B. C.*, (ed. de Sorensen, M. e Thomas, R.), BAR nº 483, vol. 2, Oxford, p. 408-429.
- LITTLE, G. (1990) *The technology of pottery production in Northwestern Portugal during the Iron Age*, Cadernos de Arqueologia-Monografias, nº 4, Braga.
- MARTINS, M. M. R. (1988) *A Citânia de S. Julião, Vila Verde*, Cadernos de Arqueologia-Monografias, nº 2, Braga.
- MARTINS, M. M. R. (1990) *O Povoamento Proto-Histórico e a Romanização da Bacia do Curso Médio do Cávado*, Cadernos de Arqueologia-Monografias, nº 5, Braga.
- MOHEN, J.P.-1992 *Metalurgia Prehistórica. Introducción a la Paleometalurgia*, Ed. Masson, Barcelona.
- PONS I BRUN, E. (1989) "The Beginning of the First Iron Age in Catalonia, Spain", *The Bronze Age-Iron Age Transition in Europe. Aspects of Continuity and Change in European Societies c. 1200 to 500 B. C.*, (ed. de Sorensen, M. e Thomas, R.), BAR nº 483, vol. 1, Oxford, p. 112-136.
- SNODGRASS, A. M. (1989) "The Coming of the Iron Age in Greece: Europe's Earliest Bronze/Iron Transition", *The Bronze Age-Iron Age Transition in Europe. Aspects of Continuity and Change in European Societies c. 1200 to 500 B. C.*, (ed. de Sorensen, M. e Thomas, R.), BAR nº 483, vol. 1, Oxford, p. 22-35.
- SORENSEN, M. L. S. (1989) "Period VI Reconsidered: Continuity and Change at the Transition from Bronze to Iron Age in Scandinavia", *The Bronze Age-Iron Age Transition in Europe. Aspects of Continuity and Change in European Societies c. 1200 to 500 B. C.*, (ed. de Sorensen, M. e Thomas, R.), BAR nº 483, vol. 2, Oxford, p. 457-492.
- SORENSEN, M. L.; THOMAS, R. (1989) "Introduction", *The Bronze Age-Iron Age Transition in Europe. Aspects of Continuity and Change in European Societies c. 1200 to 500 B. C.*, (ed. de Sorensen, M. e Thomas, R.), BAR nº 483, Oxford, vol.1, p. 1-21.



Fig. 1 — Vista geral do povoado de S. Julião.

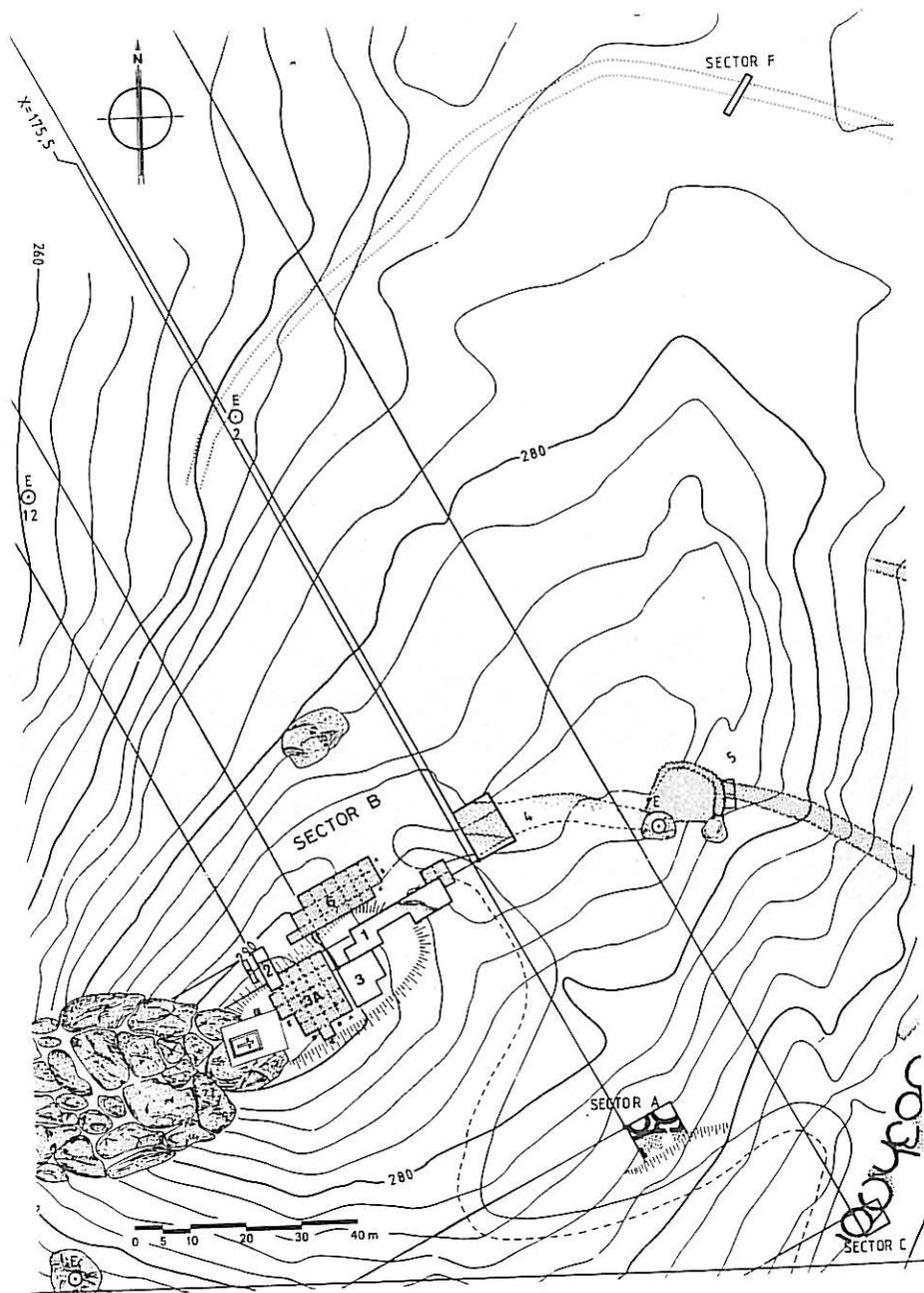


Fig. 1 — Distribuição espacial dos cortes efectuados no Sector B e F do povoado de S. Julião.

S. JULIÃO

Sector B
Corte 3 a

Corte SW

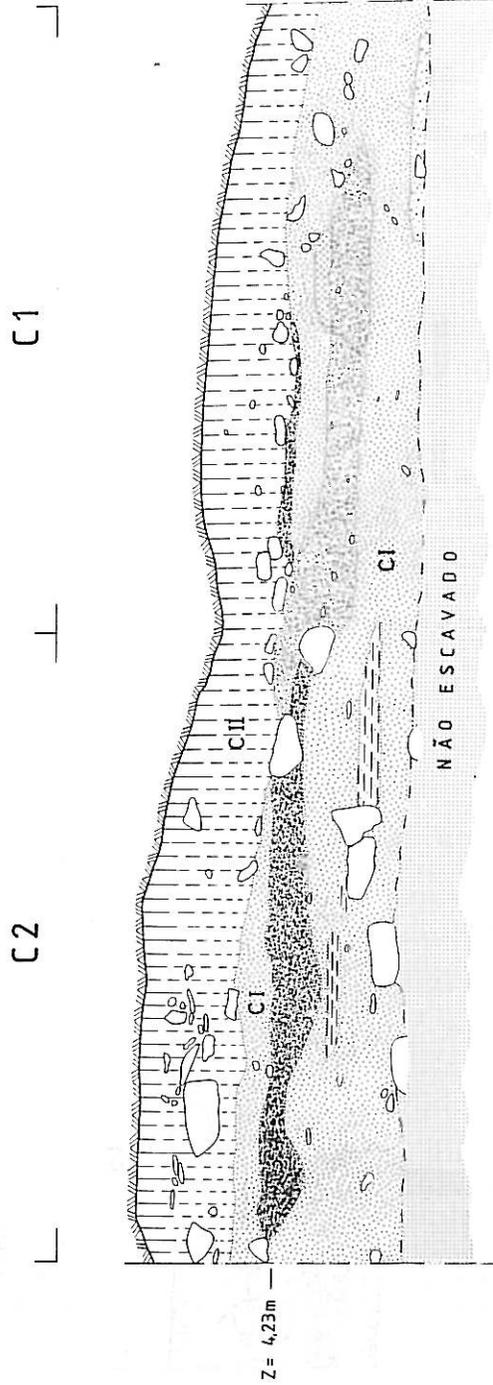


Fig. 1 — Perfil estratigráfico do Corte 3a, onde estão assinaladas as camadas estudadas neste trabalho.

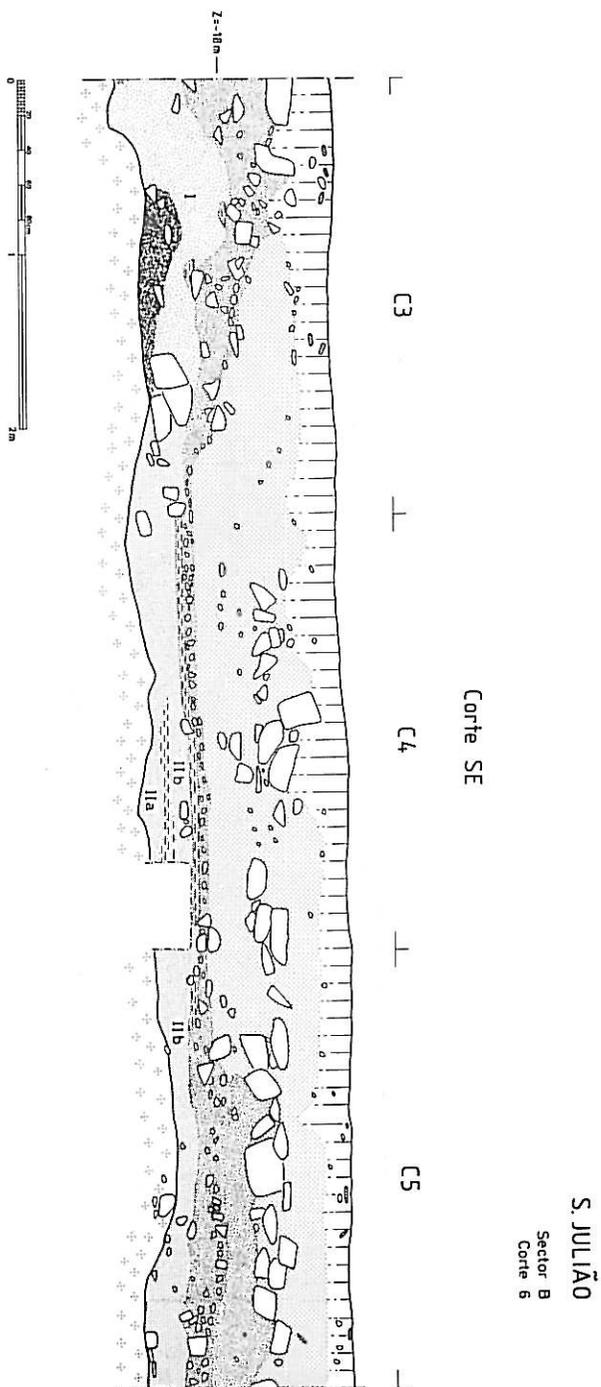


Fig. 1 — Perfil SE do Corte 6, onde se pode observar que a camada II corta a camada I.

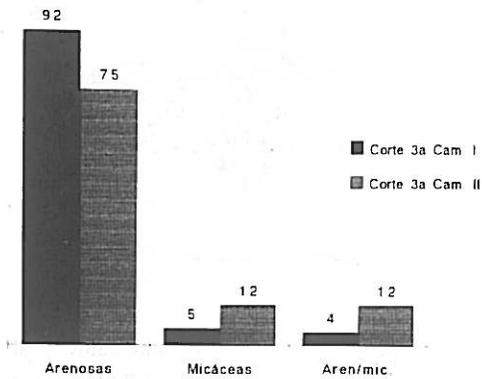


Fig. 1 — Distribuição percentual das cerâmicas arenosas e micáceas no Corte 3a.

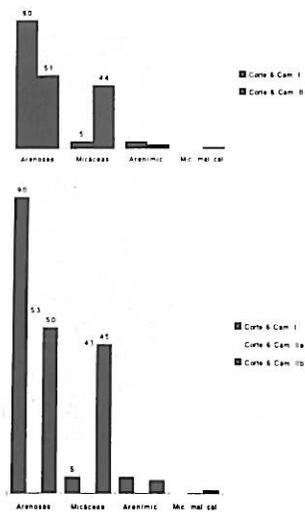


Fig. 2 — Distribuição percentual das cerâmicas arenosas e micáceas no Corte 6.

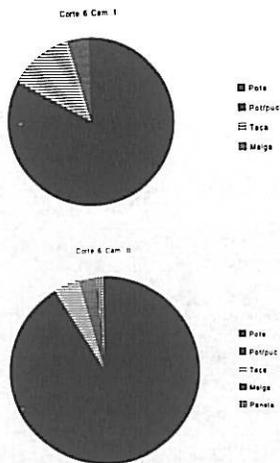


Fig. 3 — Formas tipológicas representadas nas camadas I e II do Corte 6.

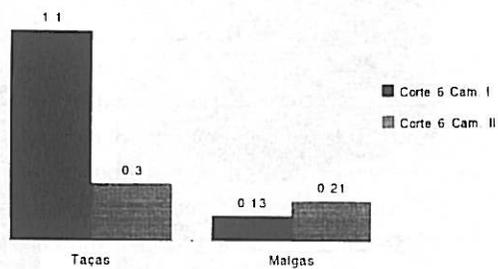


Fig. 4 — Distribuição percentual das taças e das malgas nas camadas I e II do Corte 6.

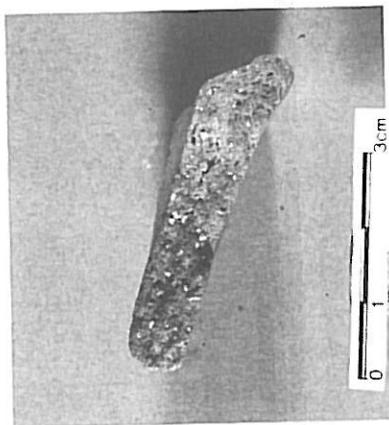


Fig. 1 — Bordo de aba soerguida do Bronze Final pertencente à camada I do Corte 3a.



Fig. 2 — Fragmento de um caldeiro de rebites encontrado na camada IIb do Corte 6.



Fig. 3 — Machado de alvado de ferro, encontrado na camada IIb do Corte 6.

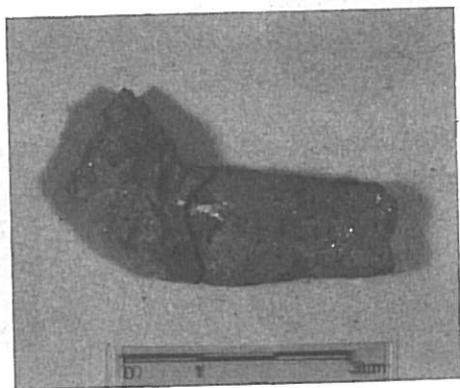


Fig. 4 — Fragmento de falcata ou foicinha de ferro, encontrada em contexto do Bronze Final, no Corte 3a.